



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Willian de Sousa Soares

Educação libertadora e educação opressora no filme
Sociedade dos Poetas Mortos

Artigo apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel de Comunicação Organizacional, sob a orientação da Profa. Dra. Elen Geraldês

BRASÍLIA

2024

**Educação libertadora e educação opressora no filme
Sociedade dos Poetas Mortos**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes (Orientadora)

Profa. Dra. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa (Membro Titular - FAC/UnB)

Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza (Membro Titular - FE/UnB)

Profa. Dra. Luísa Guimarães Lima (Membro Suplente- IESB)

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe Maria Gesilda por todo amor, paciência e carinho ao longo da vida. Minha irmã Mariana e sua esperança de sempre acreditar em mim. Minha tia Maria do Rosário por sempre me apoiar. Minha amiga Raylene dos Santos por muitos momentos ter segurado minha mão durante o difícil ano de 2020. Agradeço a todos os meus professores e professoras por toda a aprendizagem e conhecimento da minha vida. Agradecimento especial à minha Professora Elen Cristina Geraldes pela orientação e por todos os ensinamentos, palavras, carinho, dicas e paciência. Todos os dias me lembro de cada um de vocês. Vocês são as flores do jardim da minha vida.

RESUMO

O tema deste artigo é a relação entre educação opressora e educação libertadora no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, de 1989, dirigido por Peter Weir. Por meio da análise fílmica foi possível identificar como esses dois modelos de educação, presentes na obra de Paulo Freire, se manifestam. Para possibilitar essa leitura, utilizou-se Penafria (2009) e Alvim (2020), como fundamentos metodológicos. Além disso, apresenta-se brevemente a vida e obra de Paulo Freire, são discutidos os conceitos fundamentais para o autor, sobretudo em *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido* e *Educação para a Liberdade*, e apontadas algumas razões para o sucesso do filme na atualidade. Conclui-se que o filme atrai sobretudo por mostrar, a um mundo adoecido pela pandemia e desinteressado por uma escola opressora, as possibilidades da autonomia e da descoberta de si.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia; Professor; *Carpe Diem*; Cinema.

ABSTRACT

The theme of this article is the relationship between oppressive education and liberating education in the 1989 film *Dead Poets Society*, directed by Peter Weir. Through film analysis it was possible to identify how these two models of education, present in Paulo Freire's work, manifest themselves. To enable this reading, Penafria (2009) and Alvim (2020) were used as methodological foundations. In addition, the life and work of Paulo Freire is briefly presented, the author's fundamental concepts are discussed, especially in *Pedagogy of Freedom*, *Ethics*, *Democracy*, and *Civic Courage*. *Pedagogy of the Oppressed* and *Education: The Practice of Freedom*, and some reasons for the film's success today are highlighted. . It is concluded that the film attracts mainly because it shows, to a world sickened by the pandemic and disinterested in an oppressive school, the possibilities of autonomy and self-discovery.

Keywords: Education; Pedagogy; Teacher; *Carpe Diem*; Cinema.

Sumário

Introdução	6
Modos de ver um filme	8
Pensador dos afetos.....	10
Obras fundamentais.....	11
Sínteses necessárias.....	13
Educação que oprime/Educação que liberta.....	15
Hoje é semente do amanhã.....	21
Momento de Concluir.....	23

Introdução

O tema deste artigo é a relação entre educação opressora e libertadora no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, de 1989, dirigido por Peter Weir. No filme, ambientado em 1959, os estudantes de um colégio tradicional dos Estados Unidos, a fictícia Academia Welton, são impactados pela chegada de um ex-aluno, agora professor de literatura, que defende que os jovens deveriam aproveitar a vida, ouvir os seus desejos e seguir o seu coração, em vez de obedecerem cegamente a vontade dos pais. Essa mensagem provoca uma série de conflitos entre pais e filhos, com os outros professores e a direção do colégio. A obra é um clássico dos anos 1990, figurando entre as dez maiores bilheterias da década nos Estados Unidos, indicada a diversas premiações importantes como César Awards (França), Globo de Ouro (Estados Unidos), e vencedor do Bafta (Reino Unido) de melhor filme e melhor trilha sonora e Oscar de melhor roteiro original. O elenco principal do filme conta com Robin Williams, interpretando o professor John Keating, e estrela então em ascensão como Ethan Hawke e Robert Sean Leonard, dentre outros (IMDB,s.d.).

A pergunta de pesquisa que irá orientar a produção deste artigo é: Como os modelos de educação presentes no filme dialogam com os conceitos de Paulo Freire de educação libertadora e educação opressora? O objetivo geral, portanto, é descrever e analisar os modelos de educação em *Sociedade dos Poetas Mortos*, à luz da obra freiriana. São objetivos específicos: analisar três cenas em que os conceitos de educação da Academia Welton e do Professor John Keating se chocam; discorrer brevemente sobre Paulo Freire - sua trajetória e sua obra; e, finalmente, fazer apontamentos sobre as razões de sucesso desta obra.

As justificativas para a elaboração deste artigo são de cunho pessoal e acadêmico. Tenho observado o esvaziamento da universidade, o aumento das doenças mentais, a obsessão das pessoas pelas mídias sociais, a solidão. Embora a educação para mim sempre tenha sido fundamental, uma luz a iluminar a minha vida, percebo o quanto os estudantes perderam a conexão com ela. Ao assistir a esse filme, que tanto amo, tenho interesse em compreender se a educação que ele propõe

pode trazer motivação e alegria às salas de aula, de modo que universidade e vida dialoguem. Além disso, sou um estudante mais maduro, que não entrou na UnB com 18 anos, não se formou em quatro anos, não tem estabilidade financeira e que acredita que o tempo passa rápido demais. Para mim, aproveitar o dia se torna cada vez mais urgente e mais distante.

Antes de prosseguirmos, porém, cabe a questão: a obra de Paulo Freire tem potencial cinematográfico? Há no mínimo três respostas para essa pergunta. A primeira delas é que o educador pernambucano já teve sua trajetória retratada muitas vezes nas telas. A curadoria Ciranda de Filmes, cujos objetivos são selecionar e divulgar obras importantes sobre infância, juventude e educação para o público em geral e especialmente para educadores, localizou 14 documentários sobre Freire. Nesses filmes, prevalecem três temáticas: a vida do autor em conflito com o poder e os poderosos, levando-o ao exílio e à negação de suas contribuições pela direita brasileira, embora reconhecidas no mundo todo; a experiência de Angicos e a mobilização social em defesa do conhecimento e da alfabetização; e a fertilidade de seu pensamento sobre escola, justiça social e esperança (Ciranda de Filmes, 2023)

Outra forma de pensar Paulo Freire e cinema é discutir as contribuições de filmes em sala de aula, não só como instrumentos ou recursos que promovam o diálogo, a escuta e a troca tão valorizados pelo educador, mas também como fundamentos da construção de um novo olhar político-pedagógico sobre as formas de ensino-aprendizagem. Dentre os méritos dessa prática estão o deslocamento da fala, antes centralizada no educador, para os educandos, que trazem suas vivências e reflexões e as discutem coletivamente. Temas polêmicos podem ser debatidos dessa forma e o grupo pode construir novos acordos e pactos, gerando conhecimentos e transformações de comportamento.

Por fim, pode-se pensar na escolha de temas de Freire e verificar como o cinema os aborda, sobretudo no gênero “cinema de escola”, constituído por filmes que retratam o cotidiano escolar, com seus conflitos, desafios e possibilidades. Utilizaremos essa perspectiva ao analisar Sociedade dos Poetas Mortos.

O artigo divide-se em quatro partes: **Modos de ver um filme**, sobre o método de análise fílmica; **Um pensador dos afetos**, um breve perfil de vida e obra de Paulo Freire, dividido em Obras fundamentais e Sínteses necessárias; **Educação que**

oprime/ Educação que liberta, sobre as cenas mais representativas dos dois modelos propostos na obra; e **Hoje é semente do amanhã**, sobre os possíveis motivos de sucesso de Sociedade dos Poetas Mortos.

1. Modos de ver um filme

Iremos, a seguir, apresentar o método de pesquisa escolhido para analisar o filme “A sociedade dos poetas mortos” e compreender como a educação opressora e a educação libertadora estão presentes e se relacionam. Dentre os vários métodos e técnicas de análise fílmica, escolhemos o de Penafria (2009), por sua abrangência e adequação aos objetivos do artigo.

Penafria (2009) explica que a análise fílmica, diferentemente da crítica de cinema em que o autor aplica juízo de valor moral sobre a obra, consiste em se debruçar sobre um filme e analisá-lo em seus elementos constitutivos. Segundo ela, esse tipo de análise envolve dois momentos: no primeiro, o filme é decomposto para que seus aspectos principais se revelem, a seguir, esses elementos decompostos são observados para se verificar como se relacionam, isto é, são interpretados.

Existem diferentes tipos de análise fílmicas: textual (em que são feitas as separações de estruturas dramáticas ou cenas do filme), da imagem e do som (sobre o ambiente fílmico com conceitos técnicos do cinema), de conteúdo (que consiste em fazer um estudo sobre o tema e partes específicas do filme) e poética (compreendendo as sensações, sentimentos, causas e efeitos que certa obra produz sobre o público, considerando aspectos visuais, estéticos, sonoros entre outros). Neste artigo, realizamos uma mescla de análise de conteúdo e de análise poético, pois olhamos para o tema e para os sentimentos evocados por Sociedade dos Poetas Mortos.

Uma autora que também se debruça sobre a análise fílmica é Alvim (2020). Para ela, um dos cuidados ao realizar a análise fílmica é explicar detalhadamente “o que se vê” e “o que se busca”. Ela aponta movimentos semelhantes aos de Penafria, isto é: decompor a obra, reagrupá-la em seus elementos semelhantes e finalmente fazer uma síntese dos principais achados. Assim como Penafria, Alvim aponta uma dificuldade fundamental nesse método de análise: a transcrição de uma linguagem

sonora ou visual, por exemplo, para uma linguagem verbal, o que pode tornar a leitura e a compreensão difíceis.

E Alvim, como Penafria, acredita que a análise fílmica tem um mérito inquestionável: o aspecto empírico, ou seja, a preocupação com a obra em si, não somente com a visão de mundo do analista. O analista deve olhar primeiramente para a obra, não para seus valores e juízos. Ou seja, o ofício do analista se aproxima ao de um detetive ao buscar pistas ou sinais na obra de arte que revelam seus procedimentos de construção.

Alvim (2020) destaca a importância, ao se realizar uma análise fílmica, de situar o filme em seu tempo e na própria história do cinema. Nenhuma obra, portanto, está isolada; ela pode e deve ser compreendida à luz das que a antecederam e para iluminar as que a sucederão.

Por fim, ambas concordam que a análise fílmica nunca será igual, quando realizada por analistas diferentes, mesmo se for feita com o mesmo filme. Isso porque dois fatores são fundamentais na utilização deste método: a) os objetivos da análise; b) o histórico, a formação e o repertório do analista.

Essa forma de análise apresenta alguns desafios ou riscos: o primeiro deles é o de fragmentação da obra, aprendendo-a sem relação com o tempo, o contexto ou os objetivos com os quais foi produzida. Outro risco é o de uma análise sem fio condutor, dispersa, que não tem força ou alma, e apenas reúne algumas curiosidades ou observações isoladas.

Diante dos riscos apontados, nosso percurso metodológico será constituído das seguintes fases de pesquisa:

- a) Estabelecimento de um objetivo para não deixar a análise solta ou dispersa. Nesse caso, o objetivo é comparar os modelos de educação presentes na obra com os analisados por Freire: educação opressora e educação libertadora;
- b) Aprofundamento da vida e obra do autor para melhor compreensão desses conceitos;
- c) Seleção de cenas em que esses modelos de educação aparecem;
- d) Análise dessas cenas apontando características dos dois modelos de educação aí presentes;

e) Síntese da relação entre os modelos do filme e os conceitos na obra.

2. Pensador dos afetos

Antes de “usar” conceitos de Freire, buscamos compreender brevemente a sua trajetória pessoal e profissional. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 1921, em Recife, filho de uma família de classe média para os padrões da época: o pai era capitão do exército, a mãe, dona de casa, e tinha dois irmãos e uma irmã. A existência tranquila foi abalada pela morte paterna aos 13 anos, quando se tornou auxiliar de ensino no Colégio Osvaldo Cruz para conseguir uma bolsa de estudos, já que o pagamento das mensalidades tornou-se impraticável com o falecimento do pai (Nexo, 2019)

Aos 22 anos, ingressou em Direito na Universidade Federal de Recife, curso que viria a concluir, mas em cuja profissão atuou por pouco tempo. Em vez disso, encontrou sua vocação no magistério, lecionando Língua Portuguesa no próprio Colégio Osvaldo Cruz, e atuando como voluntário em pastorais da igreja católica por mais de dez anos. No ano de 1947, trabalhou no Serviço Social da Indústria (SESI), no setor de Educação e Cultura, e foi nesse período que observou a necessidade de democratização da educação na escola. Percebeu que a forma mais prática de ensino e aprendizagem era o diálogo com os educandos e suas famílias, base de sua didática e de seu pensamento teórico, (Nexo,2019).

Ao ingressar como docente na Universidade Federal de Recife, rapidamente se apaixonou pela extensão. No ano de 1962, propôs uma prática extensionista na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte, onde realizou um de seus trabalhos mais notáveis: alfabetizar 300 alunos em 40 horas. Esse modelo inovador de alfabetização foi inspirado por uma experiência pessoal. Observando que seu filho após assistir a um comercial de achocolatado repetia as palavras, Freire percebeu que essas palavras faziam parte do universo particular da criança e tinham significado no contexto em que ela vivia. Utilizando recursos simples, como imagens, palavras e sons do cotidiano das pessoas e dos trabalhadores, ele aplicava divisões silábicas, permitindo que os alunos aprendessem novas palavras (Nexo,2019). O sucesso do experimento levou à criação do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), que tinha como meta alfabetizar 5 milhões de pessoas. No entanto, com o Golpe Militar de 1964, o programa foi encerrado e Freire preso por aproximadamente 70 dias. Pouco tempos

depois, pressionado pela família e por amigos que temiam por sua segurança, partiu para o exílio, que durou quase 15 anos (Nexo,2019).

No exílio, o educador pernambucano levou seu modelo de ensino para países africanos e asiáticos, além da Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça. Desenvolveu trabalhos muito importantes nesses dois últimos países, criando em 1971 o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que tinha como objetivo promover a alfabetização, a igualdade e a justiça social. No final da década de 1970, com a promulgação da Lei da Anistia, o educador e a família retornaram ao Brasil. Ele voltou a lecionar em instituições de ensino universitárias, como a Universidade de Campinas (Unicamp) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e, mais tarde, com a nova Constituição Federal de 1988, foi convidado para ser o secretário de educação de São Paulo. Freire faleceu em 1997 (Nexos, 2019).

Obras fundamentais

Escrito em 1967, durante o exílio, *Educação como Prática da Liberdade* defende o diálogo como a ferramenta mais poderosa para promover a libertação consciente do indivíduo. Divide-se em quatro capítulos: no primeiro, aborda as mudanças e transições do Brasil na época; no segundo, discute o conceito de democracia, destacando a importância da comunidade e da participação popular; no terceiro, explora a relevância da educação social, conscientizadora, dialógica e libertadora; e, no quarto, apresenta a escola como um círculo de cultura, onde há diálogo entre quem ensina e quem aprende, engajando todos nesse processo de troca de conhecimentos,

Pedagogia do Oprimido também foi escrito no exílio, em 1968, e publicado no Brasil em 1974. Os temas são as relações, intenções e processos de educação, conscientização, contradições, violência e dominação entre os opressores - aqueles que têm o poder e são autoritários - e os oprimidos - aqueles que são marginalizados e não detêm poder. O objetivo principal da obra é promover a luta e a humanização dos oprimidos na busca pela libertação. Freire argumenta que essa proposta não pode ser pensada nem praticada pelos opressores. Isto é, segundo ele, o oprimido é o agente principal da mudança. Ao tomar consciência de sua situação, o oprimido pode se libertar e levar consigo os seus semelhantes. No entanto, essa ação

libertadora também implica o exercício do poder político, o que levanta a questão de como implementar a Pedagogia do Oprimido antes da realização de uma revolução.

Freire criticava a ideia de concepção bancária da educação, na qual os professores, considerados detentores do conhecimento, depositavam informações nos alunos, considerados recipientes vazios. Essa ideia do bancarismo é sustentada por alguns argumentos, tais como: educador é aquele que educa, enquanto os educandos são os que são educados; o educador é quem sabe e os educandos são aqueles que não sabem; o educador é aquele que pensa, já os educandos são os pensados; o educador é o quem tem o poder da fala, e os educandos são aqueles que escutam docilmente; o educador é o que disciplina, e os educandos são os disciplinados; o educador é quem faz as escolhas e prescreve sua opção, enquanto os educandos são os que seguem a prescrição; o educador é quem atua, enquanto os educandos têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático, sem que os educandos tenham voz e poder de decisão (Freire, 2005).

O pensamento de transformação da realidade bancária e da participação ativa dos oprimidos na busca pela libertação é um dos conceitos chave para entender esse processo de luta e das demais ideias que sempre estão em discussão nos mais diversos temas. Freire explica que a Pedagogia do Oprimido se desenvolve em dois momentos. No primeiro, os oprimidos começam a se libertar da opressão e se comprometem com práticas que promovem transformações. No segundo momento, uma vez que a realidade tenha sido transformada, a pedagogia adquirida deixa de ser exclusiva dos oprimidos e se torna um instrumento universal de libertação contínua (Freire, 1987).

Já o livro Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa, de Paulo Freire, publicado em 1996, é uma obra síntese das principais características e objetivos que os profissionais da educação -direcionado principalmente para professores - devem considerar, adotar e praticar no ensino em sala de aula ou até mesmo fora dela. Esses objetivos servem como uma bússola para guiar as práticas educativas entre educadores e educandos, retomando os ensinamentos de Freire, que enfatizam que, para um ensino solidário e formador, é essencial que ambos, educador e educando, aprendam mutuamente. A ideia central desse processo de formação é que o educador tome para si o papel de sujeito ativo na construção do

conhecimento e suas possibilidades. Entretanto, o profissional deve reconhecer que transferir conhecimento não é sinônimo de ensinar. Esses aprendizados, também direcionados aos educandos, estão reunidos em três pilares de práticas formativas, intenções e caminhos para um ensino ético, solidário e transformador (Freire,1996).

Desse modo, eles são divididos da seguinte maneira: primeira reflexão se concentra na rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educando, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, exigência de riscos, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática e assunção da identidade cultural; segunda ponderação: o ensino exige consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser educando, bom-senso, humildade tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível e curiosidade; terceira observação: ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, praticar a liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educando (Freire, 1996).

Sínteses necessárias

Após a leitura dessas obras selecionadas de Paulo Freire, destacamos alguns fundamentos do trabalho do autor:

- a) O reconhecimento de uma grande assimetria entre educandos e educadores, consolidada pela noção de educação bancária ou educação opressora, na qual educadores depositam conhecimento na tábula rasa que seria a mente do educando. Por meio dessa assimetria, os interesses, valores e experiências dos estudantes são ignorados e todo o conteúdo ensinado é padronizado, sendo pautado por outros atores: órgãos públicos, indicadores nacionais e internacionais, sem levar em conta interesses, desejos e necessidades dos estudantes;
- b) A ideia de que o educador deve ver além da hierarquia, aos escutar os estudantes e considerar suas experiências, valores e necessidades. Deve estimular o estudante para a autonomia, a fim de que “aprenda a aprender”, de

que encontre em seu universo e vivências as perguntas que valem a pena ser respondidas. O educador deve ser ouvinte, corajoso, motivador, criativo, envolvente, engajado na luta pela autonomia do educando, contra todas as formas de opressão, inclusive e principalmente as produzidas e reproduzidas pela escola;

- c) A defesa da escola como um espaço de transformação social, onde se aprende por meio dos afetos, das trocas, do reconhecimento de si e do outro, e não um espaço paralisado por práticas tradicionais e sem interação com o contexto no qual estão inseridas.
- d) A valorização do caminho para a autonomia construído no estímulo para que os estudantes ouçam a si mesmos, enquanto sujeitos e cidadãos. A vivência da educação como uma possibilidade de construção coletiva de si em inter-relação com o outro.

Em busca de uma leitura mais crítica - e menos apaixonada, como costuma ser - da obra freiriana, procuramos contrapontos ou objeções às conclusões levantadas pelo autor. No entanto, as objeções encontradas também não costumam ser críticas, nem tampouco desapaixonadas, nem mesmo acadêmicas. Elas são, sobretudo, políticas, ao apontar a falta de eficiência do método e o “doutrinação de esquerda” que promove nos educandos. Vamos ignorar esses argumentos, visto que não se legitimam por meio de pesquisas sérias e embasadas.

Na tentativa de construir um distanciamento do autor, apesar da admiração que sentimos por ele, ressaltamos que:

- a) Freire muitas vezes parece enxergar o educador como um herói, um personagem com capa que vai enfrentar tudo e todos e sempre se mantém saudável, forte, motivado e íntegro, apesar das contas que não fecham pelos baixos salários e dos estudantes que falam o tempo todo;
- b) A premissa de que a motivação dos estudantes é facilmente atingida e o envolvimento é facilmente conquistado, se forem evocados os interesses dos estudantes. Dessa forma, lança-se novamente para o educador a responsabilidade pelo “sucesso” da aula, ignorando a frequente falta de atenção/adesão do alunado ocorrida por múltiplos motivos.

Diante dessas questões, como os modelos de educação de Sociedade dos Poetas Mortos dialogam com os freirianos?

3. Educação que oprime/ Educação que liberta

O filme começa com a preparação de um estudante para o início de sua jornada no mundo da educação. A câmera capta uma pintura que representa ex-alunos da Academia Welton reunidos, em uma consagração do passado glorioso da escola, e à frente três deles olham em direções opostas. Obediência e rebeldia fazem parte, portanto, do mesmo espaço, embora haja um esforço da direção e dos professores para apagar a chama da transgressão.

Os retratos de Welton irão retomar ao filme quando o Professor Keating decide levar os estudantes ao memorial da Academia. Absortos, olham as fotografias enquanto Keating começa a falar sobre a ideia que move e perturba os jovens ao longo da trama: aproveitar o dia e os momentos da vida frente à sua rapidez e finitude. Essa finitude que as pessoas costumam atribuir apenas à velhice, com a fragilidade da saúde e falecimento de amigos ou parentes, está presente o tempo todo. As pessoas dos retratos também foram cheias de disposição, energia, sonhos e planos. Mas o tempo passa rápido demais. Por isso, Keating grita: “Carpe Diem! Aproveitem o dia, garotos! Façam suas vidas extraordinárias”. Os jovens ficam incomodados e pensativos com a reflexão e durante toda a jornada acadêmica pensam na oposição ali colocada: levar uma vida segura, conforme prescrito por seus pais e mestres, ou correr riscos e abraçar seus verdadeiros desejos e sonhos, aproveitar o vento no rosto, o frescor da água, a energia nos músculos, os sabores deliciosos, a espontaneidade do álcool, enfim, os impulsos que a disciplina ferrenha de Welton tenta cercear.

A direção de fotografia explora o uso da iluminação natural em ambientes externos, tanto na breve fuga dos jovens para a caverna ao criarem a sociedade dos poetas mortos, para lerem poesia e sentirem que estão vivos, quanto nos breves momentos de passagem de cenas. O uso desse artifício, que cria uma atmosfera de suspense e perigo, costuma ser muito utilizado para levar as sensações e sentimentos das personagens para o público.

A iluminação também trabalha para mostrar Keating como alguém que ilumina o ambiente sombrio da Academia. Um exemplo disso é o momento em que o professor sobe à mesa para explicar a importância de aproveitar o dia, no qual a arte tem um papel especial, e duas lâmpadas (uma de cada lado) estão presentes. A trilha sonora é marcante em diversos momentos, caracterizando a contemplação, reflexão, determinação e luta. A ideia de estar sempre pronto para a batalha, para a guerra, é uma interpretação lúdica para enfrentar os desafios: o educador no embate com a diretoria da academia e os estudantes em suas atividades e dilemas pessoais. A obra leva ao público trechos de músicas épicas, como se ali, no dia a dia de uma escola, fossem travadas grandes batalhas, como a *Abertura Solene* e a *Sinfonia Número 9*, de Ludwig Van Beethoven, reproduzida no momento em que os estudantes comemoram a alegria de aprender, ou desaprender o que lhes oprime, e carregam o professor.

Na figura 1, é possível perceber o campo onde as batalhas acontecem: a sala de aula tradicional.

Figura 1



Fonte: Sociedade dos Poetas Mortos, 1989.

A sequência começa com o professor Keating explicando aos alunos como é feita a construção de uma poesia, desenhando no quadro um gráfico que representa

as métricas de uma poesia ideal. Um deles, então, começa a ler o capítulo de introdução de um livro técnico sobre poesia. Em seguida, o educador expõe sua opinião sobre a visão excessivamente formal da arte soltando um palavrão. Desse modo, Keating encoraja os alunos a aprenderem o conteúdo de uma forma diferente. Para isso, ele solicita que os alunos rasguem a introdução do capítulo discutido. De início, sem entender muito bem o comando do professor, os estudantes olham entre si receosos, mas, depois de mais incentivos, o personagem Dalton rasga a primeira página. Motivados com a atitude do colega, o restante da turma segue o exemplo.

Nesse momento, do lado de fora da sala, o professor McAllister ouve o barulho das folhas se rasgando, olha pelo vidro da porta e vê os alunos se divertindo. Ele rapidamente interpreta a atividade como um ato de rebeldia. Assim, entra na sala e questiona o motivo pelo qual os alunos estão agindo daquela forma, mas logo percebe que o professor Keating está presente e aprova a ação. Ao perceber a presença do outro docente, McAllister recua de sua intenção de repreender a todos. Esse primeiro encontro entre Keating, representante de uma abordagem de ensino nada convencional e com uma nova perspectiva para explicar conteúdos complexos e tediosos, e McAllister, um professor de método e valores educacionais conservadores, simboliza o início do confronto entre uma educação libertadora e uma educação bancária.

Essa primeira cena evidencia a quebra gradual das barreiras educacionais impostas pela instituição. Ao abordar um conteúdo teórico longo e cansativo, Keating compreende que, na prática, é necessário reinterpretar essas teorias de forma mais humana e sensível, resignificando o modelo educacional adotado pela escola. Seguindo um dos fundamentos da teoria freiriana (2005), Keaton [G1] promove uma ruptura com o modelo de educação bancária praticado na Welton, em que os alunos são vistos apenas como receptores passivos, desprovidos de inteligência crítica, obedientes a qualquer comando. Em Welton não há espaço para questionamentos, nem para meras sugestões, exatamente como no modelo bancário de educação, para o qual os papéis de educador e educando são estáticos:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única

margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação (Freire, 1995, p. 66).



Mais à frente no filme, um exemplo do modelo educacional opressor é retratado na sequência em que, após mais uma reunião na caverna onde o grupo de amigos se reúne para ler poemas, o personagem de Charlie Dalton revela ter publicado no jornal da escola um artigo questionando a não aceitação de estudantes mulheres na academia. Ao ouvirem a confissão, os amigos imediatamente percebem que terão

problemas. E é o que de fato ocorre: em resposta ao acontecido, o diretor, Mr. Nolan, reúne todos os alunos para descobrir quem foi o responsável pela publicação

Nessa cena, o diretor, procurando o envolvido no acontecimento, ameaça todos os alunos presentes com expulsão caso não revelem quem é o culpado. Sua forma rígida e autoritária de falar demonstra que não há espaço para justificativas ao fazer algo diferente. Após Dalton fazer uma piada com o diretor, admitindo indiretamente a autoria do artigo, a cena seguinte revela como o modelo educacional tradicional pune aqueles que não se adequam às normas. O diretor, ao falar que outros também falharam em evitar a expulsão da academia, aplica um castigo físico no aluno, usando uma palmatória para bater em suas nádegas.

As duas sequências demonstram pontos em comum com os conceitos de opressão e educação bancária, ambos presentes na obra *Pedagogia do Oprimido* (2005), de Paulo Freire. Na imagem 1, fica claro como o diretor Nolan trata os alunos com uma forma de violência velada ao lidar com qualquer problema ou situação que desagrade a administração da academia. Ameaças e intimidações são disfarçadas em forma de diálogos com o objetivo de reforçar que nenhum aluno pode ou deve confrontar a autoridade dos seus mestres. Diante da postura do diretor, é possível verificar como essa abordagem é um exemplo nítido de opressão, transformando o ambiente educacional em um ambiente hostil para os estudantes. Isto é, “Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça” (Freire, 2005, p. 33).



A última sequência do filme mostra o poder da educação que promove autonomia, cuidado, admiração e transformação. Após o diretor Nolan descobrir que o professor Keating incentivava os alunos a serem mais autônomos e que a fundação do grupo Sociedade dos Poetas Mortos ocorreu por sua influência, Keating é demitido da instituição. Antes de ir embora, passa em seu escritório, localizado em frente à sala de aula, para recolher seus materiais. Ao presenciar essa cena sem poder se despedir, Todd Anderson, inconformado e com lágrimas nos olhos, sobe na mesa e fala ao ex-professor, *Oh Captain, My Captain*, como ele gostava de ser chamado. O diretor, insatisfeito com o ato de indisciplina, grita para que ele desça, mas outros colegas, inicialmente hesitantes, decidem fazer o mesmo, sobem nas mesas, seguindo o seu exemplo. Olhando para aqueles que ficaram em pé, Keating agradece a homenagem.

É uma verdadeira declaração de amor à autonomia dos educandos. É um grito contra a opressão, as humilhações, os desmandos. É a possibilidade de assumir a própria voz. O ato de parte dos alunos se levantarem para Keating demonstra a autonomia buscada por ele e felizmente alcançada:

[...] a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. É preciso deixar claro que o conceito de intervenção não está sendo usado com nenhuma restrição semântica. Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, quanto à que, pelo contrário,

reacionariamente pretende imobilizar a história e manter a ordem injusta. É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de “endereço-se” até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando de politicidade da educação (Freire, 2005, pp. 106-107).

Hoje é a semente do amanhã

Sociedade dos Poetas Mortos surgiu no enclave entre os anos 80 e 90. Não teve um grande orçamento, e embora tivesse estrelas em ascensão e o carisma de Robin Williams, não possuía uma constelação hollywoodiana como outros filmes da época. Como explicar, então, o fato de ter admiradores tão fiéis, e se tornar um clássico, a ponto de ser referência obrigatória no Exame Nacional do Ensino Médio? Por que se tornou uma reconhecida obra de formação, que vai discorrer sobre os dilemas da juventude ao entrar na vida adulta?

Segundo Penafria e Alvim, o analista deve ler o filme em seu contexto e não isoladamente, já que mesmo obras aparentemente desconectadas de seu tempo são frutos de uma visão alternativa e minoritária de um momento histórico, mas nem por isso deslocadas de valores e de críticas daquele momento. E qual foi o cenário do fim da década de 80 e de 90 em que Sociedade dos Poetas Mortos foi produzido e lançado?

Do ponto de vista econômico e social, esse período foi de intensas transformações. Para o historiador britânico, de perspectiva marxista, Eric Hobsbawn, o breve século XX iniciou, de fato, com a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e terminou em 1991 com a crise do socialismo real e o esfacelamento da União Soviética, que viu suas repúblicas satélites alcançarem a independência e seguirem seus caminhos afastadas do socialismo real.

Para Hobsbawn, foi um século marcado por duas grandes guerras e por centenas de conflitos nacionais e regionais, pelo fim dos impérios coloniais, por transformações nas vivências e expressões da sexualidade, por mudanças no modelo de família, com as mulheres muitas vezes assumindo o protagonismo pela criação dos filhos sozinhas, pelas lutas contra o racismo e pelos direitos civis de grupos tradicionalmente excluídos, pelo surgimento da Aids, pela criação de estados de bem-estar social e por sua crise, pelo êxodo rural e crescimento de grandes

metrópoles em países periféricos, pelo aumento da violência urbana e pela crise estrutural na América Latina.

Todas essas mudanças levam a uma sensação de risco e de insegurança crônica que atravessam esse “breve século”, conforme Hobsbawn, ou “longo século”, conforme o economista Giovanni Arrighi. Para o autor italiano, o século XX foi marcado por várias crises financeiras, que nasceram muito tempo antes, em ciclos de expansão do capitalismo existentes desde o século XV, quando estado e capital se juntaram. Nesses ciclos, momentos de fartura – ou seja, de expansão da produção e do comércio – foram sucedidos por momentos de crise e de caos sistêmico. Conflitos e guerras são frutos desses momentos em que a acumulação de capital é ameaçada e os capitalistas buscam retomar os seus lucros, mesmo que com custos altíssimos em vidas humanas e destruição ambiental.

Publicado em 1982, o livro do escritor estadunidense Marshall Berman tem por título a famosa frase de Karl Marx: Tudo que é sólido desmancha no ar. Nas pegadas da modernidade e em sua possível transformação na pós-modernidade, Berman identifica as marcas da impermanência, frequentemente intensificadas por um capitalismo que se torna cada vez mais voraz. As rápidas transformações nas quais os indivíduos se sentem constantemente ameaçados parecem levar a um sentido de deslocamento. Olha-se para o passado e para o futuro em busca de orientações, de normas, de valores que possam ser a diretriz para os tempos vividos, como se as respostas estivessem em um mundo que já foi ou estava por vir.

No cinema, esses universos e personagens deslocados foram comuns entre os anos 80 e 90. Criou-se um futuro violento, em guerra, no qual vários grupos se atacavam, por meio de conspirações políticas e com a ação de aventureiros e heróis, em que seres humanos, alienígenas e robôs interagem de forma colaborativa e conflituosa, na franquia Star Wars. E, no misto de comédia e ficção científica em De volta para o Futuro, o personagem vai para o futuro, acaba transformando-o e deve voltar a ele e apagar as suas marcas para que o presente seja tolerável.

Há deslocamentos também para o passado, como o de Sociedade dos Poetas Mortos. O poderoso chefão e os Bons companheiros contam a história de gangues e quadrilhas que formaram as grandes metrópoles estadunidenses, revelando, mesmo

em ambiente hostis, a figura de heróis improváveis, que podem ser implacáveis, mas amam, têm consciência e sentem culpa.

Um dos maiores deslocamentos é mostrado em ET, o extraterrestre. A mensagem nostálgica do lar perdido caiu como uma luva naquela década marcada por migrações forçadas e não pertencimento de estrangeiros e refugiados. O filme consegue cativar ao mostrar o adorável alienígena que apenas quer voltar para casa e, apesar da dificuldade de se comunicar em outro planeta, estabelece vínculos com as crianças, que o acolhem sem preconceitos ou recriminações.

Em Sociedade dos Poetas Mortos esses deslocamentos também acontecem. O primeiro é temporal: o filme é ambientado em três décadas anteriores ao momento de sua produção. Dessa forma, embora a mensagem de Carpe Diem, aproveite o dia, seja proclamada frequentemente, a obra traz um olhar sobre o passado, sobre uma utopia que poderia ter se realizado, que quase se realizou. Outro deslocamento é o da violenta passagem para a vida adulta, exigindo escolhas das personagens: reproduzir o que seus pais fizeram e como viveram, ou buscar os seus próprios caminhos. A educação pode ser a chave para facilitar ou impedir essas escolhas.

Na década de 2020, que inicia com a população mundial unida pelo medo do outro e da morte, a mensagem da Sociedade dos Poetas Mortos parece fazer todo o sentido. Aproveite o dia, pois talvez não haja amanhã. Aproveite o dia, desloque-se do enxame (Han, 2018) e viva uma vida verdadeira, para além das telas, da tradição, das aparências, da subordinação aos desejos e olhares do outro. Tenha a grandiosidade de ser você mesmo. O maior deslocamento, a viagem mais importante, é para dentro de si.

Momento de Concluir

O filme Sociedade dos Poetas Mortos mostra dois modelos de educação. O primeiro é fundamentalmente opressor: há educadores que mandam e educandos que obedecem. As vontades e os desejos dos estudantes são ignorados em nome da tradição e da disciplina. O objetivo da educação é reproduzir valores, reafirmar lugares no mundo e privilégios. A escola, assim, cumpre a missão de fazer com que

cada um siga o legado familiar, desconectando-se de suas expectativas, abrindo mão de sua identidade.

O outro modelo de educação prevalente no filme é a educação libertadora, simbolizada pelo Professor Keating, que se alimenta da arte para avivar, nos estudantes, a busca dos sonhos e desejos de cada um. Há uma valorização do prazer, mesmo que ele seja efêmero. Aproveitar o momento significa não se render às tradições familiares, nem às expectativas de sucesso social e financeiro no futuro; é viver o hoje, sem amarras. Pelas mãos da literatura, o professor inicia aqueles estudantes no desafio de ouvirem a si mesmos.

Esses dois modelos relacionam-se aos conceitos de educação bancária, ou opressora, de Freire, e educação libertadora. Tal como na obra do educador pernambucano, o modelo bancário ignora o conhecimento prévio dos educandos. Cabe ao educador inculcar, à força, conteúdos que são recomendados pelos livros didáticos, pelos planos nacionais de educação, pelas famílias, pelo *status quo*. O modelo de educação libertadora de Freire tem, como no filme Sociedade dos Poetas Mortos, o protagonismo de um educador de coragem, criativo, que se abre para os desejos dos educandos e os escuta, pois sabe que eles também têm suas vivências e histórias,

Na vida de Freire, propor e realizar uma educação libertadora gerou perseguições, exílios e até a negação do valor de seu trabalho. No caso de Sociedade dos Poetas Mortos, o custo da educação libertadora foi a demissão do professor e até a vida de um estudante. A tensão dos dois modelos tornou-se insuportável, gerando conflitos destruidores e, portanto, transformadores.

As causas do sucesso do filme e até de seu resgate, 35 anos depois, vão além do cotidiano da escola, embora também passem por ele. A opressão é uma sombra que paira em um mundo adoecido na pós-pandemia, em que os verdadeiros desejos e vontades de cada um parecem muito distantes da escola. Regras e normas se multiplicam porque o que realmente é importante, criar e transformar, está cada vez mais distante. Não há motivação por parte de quem ensina-aprende.

Em um enxame, os educandos se movem em grupo, desconectados, usando os espaços da escola sem de fato estar, de coração e mente, ali. A arte que o filme

representa, a arte que o filme é, pode ajudar a libertar educandos, educadores e escola de uma mesmice que ameaça devorar a todos nós.

Pensar sobre Sociedade dos Poetas Mortos como estudante de comunicação organizacional trouxe ganhos, mas também riscos. O principal ganho foi a esperança de que um dia a Universidade possa estimular com ainda mais força os sonhos dos educandos. Possa fazê-los acreditar no potencial da Comunicação usando as tecnologias, mas para além das tecnologias. Possa levá-los/levar-nos a perceber a grande revolução que um cartaz, um mural, uma faixa podem representar, mesmo que não sejam produzidos com um sofisticado programa de computador. Ou ainda que atrás de uma tecnologia complexa possa residir um coração.

Há riscos, sem dúvida. O risco de me aventurar na leitura de Freire, cuja obra mal cheguei a tangenciar. O risco da falta de tempo, dos calendários dilatados pela greve, mas apressados pelos compromissos do cotidiano com a família, com o estágio, as contas a pagar, com a ansiedade, com a sobrevivência. O risco do tempo científico e seus segredos, e talvez o pior deles seja o de calar qualquer espontaneidade porque é proibida pela ABNT.

Há outros aspectos que podem ser considerados em uma análise futura do filme. Será que o personagem de Keating não é, de fato, um educador estrela, que ouve pouco os estudantes e quer falar demais, mesmo que suas palavras sejam transgressoras? Será que não faltou a ele a percepção da importância de um trabalho coletivo, a ser tecido com outros educadores e estudantes? O que a ausência de personagens femininos no filme representa? Ao terminar com essas questões, reafirmo as possibilidades da arte em motivar, provocar e envolver. Defendo mais filmes, mais música, mais quadros, mais poesia, mais dança nas salas de aula. Aceito o meu medo do tempo passar rápido demais e abraço o meu compromisso com a vida.

Referências

ALVIM, Luíza Beatriz. Quem tem medo de análise fílmica? Atividade antiga com (não tão) novos objetos. In: **Virtual: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** 2020.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e as Origens de Nossos Tempos** . Verso, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** A AVENTURA DA MODERNIDADE. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

Ciranda de Filmes. **14 Documentários sobre Paulo Freire para assistir pela internet** - 2023. Disponível em:

<<https://cirandadefilmes.com.br/14-documentarios-sobre-paulo-freire-para-assistir-pela-internet/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Editora Vozes Limitada, 2018.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IMDB. S.D. - Producer. Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm5953976/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

NEXO. **Quem foi Paulo Freire. E seu trabalho como professor.** 15 de Out de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/2019/10/15/quem-foi-paulo-freire-e-seu-trabalho-como-professor>.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso Sopcom**. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009. p. 1-11.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS. Direção: Peter Weir. Produção de Touchstone Pictures. Estados Unidos: Buena Vista Home Entertainment, 1989. 1 DVD. (128 minutos).